

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CAMPUS IMPERATRIZ

LUANA ARAÚJO SILVA

ANÁLISE DAS *FAKE NEWS* SOBRE VACINAS DA SEÇÃO FATO OU FAKE DO G1

IMPERATRIZ

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
CAMPUS IMPERATRIZ

LUANA ARAÚJO SILVA

ANÁLISE DAS *FAKE NEWS* SOBRE VACINAS DA SEÇÃO FATO OU FAKE DO G1

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientador(a): Prof^a Dra^a Denise Ayres

IMPERATRIZ

2022

LUANA ARAÚJO SILVA

ANÁLISE DAS *FAKE NEWS* SOBRE VACINAS DA SEÇÃO FATO OU FAKE DO G1

Data: 31 de Janeiro de 2022

Banca Examinadora

Dra. Denise Cristina Ayres Gomes – (orientadora) - UFMA

Dr. Alexandre Zárate Maciel - UFMA

Dra. Izani Mustafá - UFMA

IMPERATRIZ

2022

Silva, Luana Araújo.

ANÁLISE DAS FAKE NEWS SOBRE VACINAS DA SEÇÃO FATO OU
FAKE DO G1 / Luana Araújo Silva. - 2022.

52 p.

Orientador(a): Denise Cristina Ayres Gomes.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Universidade
Federal do Maranhão, 2022.

1. Desinformação. 2. Fake news. 3. Imaginário. 4.
Jornalismo. 5. Pandemia. I. Gomes, Denise Cristina
Ayres. II. Título.

*Dedico este trabalho a minha mãe Regina,
amigos e familiares, meus grandes
incentivadores e apoiadores dos meus sonhos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, por iluminar a minha trajetória durante toda a elaboração deste projeto.

Agradeço especialmente a minha mãe, Regina Célia, que sempre lutou pela minha educação dando o melhor de si, me apoiando nos momentos difíceis e servindo como exemplo e determinação para mim.

Agradeço as minhas amigas que sempre me incentivaram a não desistir, me apoiando durante todo o processo de graduação e preparação deste trabalho.

Agradeço de forma especial, o carinhoso apoio que recebi de meu namorado Bruno Soares, que em todo o desenvolvimento e formatação deste trabalho acadêmico, esteve ao meu lado e sempre me apoiando no período da graduação.

Agradeço também a meu pai, José Antônio, minha madrasta Maria dos Remédios, minha irmã Luciana e meu irmão, Lúcio, que me incentivaram durante todo o percurso de conclusão deste curso.

Agradeço a minha orientadora, Denise Ayres, que me auxiliou na construção desse trabalho.

A todos o meu muito obrigada!

*“Que todos os nossos esforços estejam sempre
focados no desafio à impossibilidade. Todas
as grandes conquistas humanas vieram
daquilo que parecia impossível”*

Charles Chaplin

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conteúdo da sessão Fato ou Fake do site G1 sobre vacinação durante a pandemia do novo coronavírus, no período de janeiro a junho de 2021. Como abordagem metodológica, utilizamos as pesquisas bibliográfica e documental e a análise de conteúdo (BARDIN, 1997). A fim de discutir as características das *fake news*, utilizamos Bucci (2019). O trabalho apresenta o contexto da pandemia no Brasil e explica como a desinformação e as *fake news* afetam a credibilidade do jornalismo. Para a análise, foram observadas oito categorias sobre a vacina da Covid-19: morte, fraude, suspensão, eficácia, reações graves, composição, presença de chip e outros. A partir das análises foram encontradas 59 *fake news* sobre a vacina do coronavírus. Conclui-se que com o auxílio tecnológico e da internet o acesso a diversos tipos de informação se tornou mais democrático, podendo levar a desinformação, o que reforça a importância do jornalismo para a sociedade.

Palavras-chave: *Fake news*; pandemia; desinformação; jornalismo; imaginário.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Projeto Fato ou Fake.....	35
Figura 2 - Fato ou Fake Coronavírus	36
Tabela 1 - Categorias de Análise – jan à abr. 2021	37
Quadro 1 - Morte.....	38
Quadro 2 - Fraude	40
Quadro 3 - Suspensão.....	40
Quadro 4 - Eficácia	41
Quadro 5 - Reações Graves.....	41
Quadro 6 - Composição.....	42
Quadro 7 - Presença de Chip.....	42
Quadro 8 - Outros.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CORONAVÍRUS (Sars-CoV-2)	13
2.1 OUTRAS PANDEMIAS.....	14
2.2 OUTROS PAÍSES FRENTE À PANDEMIA.....	16
2.3 A PANDEMIA NO BRASIL	17
2.4 IMAGINÁRIO DA PANDEMIA NO BRASIL	18
2.5 NECROPOLÍTICA.....	20
2.5.1 NECROPOLÍTICA NO BRASIL	22
2.5.2 NECROPOLÍTICA E A COVID-19.....	23
2.6 <i>FAKE NEWS</i>	25
2.7 INFODEMIA.....	28
2.8 VACINA	29
3 ANÁLISE DAS <i>FAKE NEWS</i> SOBRE VACINAS DA SEÇÃO <i>FATO OU FAKE! DO GI</i>	33
3.1 ANÁLISE	33
3.2 FATO OU FAKE.....	34
3.2.1 Jornalismo e <i>fake news</i>	36
3.2.1.1 Morte	38
3.2.1.2 Fraude	39
3.2.1.3 Suspensão	40
3.2.1.4 Eficácia	40
3.2.1.5 Reações Graves.....	41
3.2.1.6 Composição	42
3.2.1.7 Presença de Chips.....	42
3.2.1.8 Outros	42
4 CONCLUSÃO.....	46
5 REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a expressão *fake news* (notícias falsas) tem ganhado bastante notoriedade nas redes sociais e nos grandes meios de comunicação, isso acaba levantando diversos questionamentos de pesquisadores e estudiosos que atuam na área. Isso ocorre porque a todo momento informações distorcidas se propagam pela internet de forma rápida, até mais do que as notícias.

Essas fake news aparentam ser verdadeiras e criam situações que podem demonstrar algum tipo de confiança para seus leitores. As informações falsas que se assemelham a notícias verdadeiras são os principais tipos de *fake news* presentes na internet. Elas são disseminadas com o objetivo de espalhar inverdades sobre determinados assuntos, principalmente os que possuem maior relevância na mídia nos dias atuais.

As *fake news* que são divulgadas na internet, quando disfarçadas de notícias verdadeiras, acabam propagando cada vez mais discursos de ódio nas mídias sociais, isso pode gerar várias divergências, como por exemplo as diversas notícias relacionadas às vacinas contra a COVID-19.

Diversos tipos de informações falsas sobre a vacina contra o novo coronavírus foram compartilhadas nas redes sociais, a exemplo de um vídeo em que um homem lê um documento afirmando que sejam evitadas as relações sexuais sem proteção, alegando que a vacina causa “má formação” em fetos. Em outro vídeo que circulou nas redes, um homem afirma que, ao receber a segunda dose da vacina contra Covid-19, as pessoas são capazes de receber e emitir comunicação via *bluetooth* e *wi-fi*. Especialistas da área já desmentiram essas e outras *fake news* que circularam na internet sobre o assunto.

As primeiras medidas de enfrentamento do novo Coronavírus ocorreram por meio de portaria ministerial nº 653 de 14 de Maio de 2021, aprovada logo após a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar a COVID-19 uma Emergência em Saúde Pública de Importância (ESPIN). Dados do Painel Coronavírus do Governo Federal mostram que no dia 04 de Janeiro de 2022, o país registrava 22.184.824 de casos confirmados e 616.691 óbitos causados pela doença.

O Programa Nacional de Imunização é um dos mais completos de todo o mundo e foi um dos principais fatores na redução e até na extinção de doenças no Brasil. As campanhas de vacinação foram responsáveis por uma melhoria significativa na saúde pública do país. Isso se relaciona principalmente à sociedade brasileira que sempre esteve bastante presente e responsiva aos métodos utilizados pela Saúde Pública.

Uma pesquisa feita por FIGUEIREDO *et al* (2020) ao jornal *The Lancet* conseguiu identificar como a internet acabou se tornando uma das principais formas de barrar o sistema de vacinação. O estudo afirma ainda que vários países, como Afeganistão, Indonésia, Paquistão, Filipinas e Coréia do Sul, sofreram com uma redução significativa no número de pessoas que confiam em vacinas que estavam associadas a movimentos e mobilizações online antivacinas. Embora o acesso à internet e às mídias digitais sejam responsáveis pela revolução na produção e no consumo de informações, a veiculação de informações falsas se tornou cada vez maior e acabou virando um problema de saúde pública no Brasil.

A vacinação contra a COVID-19, apesar de ter sido muito aguardada em diversos países, inclusive no Brasil, acabou encontrando uma resistência da população diante da possibilidade de ser vacinada, isso ocorreu diversas vezes motivado pela desinformação, o que acaba preocupando médicos e pesquisadores responsáveis por essa área.

Um estudo feito pela FTI Consulting - empresa de análise de dados - em 2020 intitulado “*The real-world effects of fake news*”, calculou os impactos causados nas redes sociais sobre as vacinas e como a desinformação pode causar diversos efeitos na nossa realidade. A pesquisa foi feita por um sistema de inteligência artificial, suas amostragens foram postagens sobre a vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) na rede social Twitter, entre os anos de 2012 e 2018. Algumas das mentiras elencadas foram: vacinas podem causar outras doenças, uma delas autismo; vacinas possuem chips para controlar a população; vacinas não são seguras; entre outras.

Por causa da disseminação desse tipo de *fake news*, houve uma redução de 3% da cobertura vacinal no Reino Unido. Isso seria aproximadamente 2 milhões de britânicos que não se vacinaram por lerem as mentiras que circularam no Twitter. A proliferação de desinformação antivacina nas mídias sociais possui um efeito significativo no comportamento humano.

Ao fazer uma análise da aba *Fato ou Fake!* do *G1*, é possível perceber que houve um aumento no número de notícias falsas relacionadas à vacina da COVID-19 em determinados meses, principalmente quando foram iniciados os primeiros testes de vacina em outros países, e logo assim que começaram as aplicações das doses no Brasil. A pesquisa procura analisar o conteúdo dessas notícias falsas que circularam nas redes sociais e foram desmentidas pelo site jornalístico *G1*, pertencente ao grupo *Globo*. Esta pesquisa surgiu da necessidade de analisar o conteúdo das *Fake news* que circularam na internet e foram desmentidas pela seção *Fato ou Fake!* do portal de notícias *G1*.

Percebendo o cenário caótico, este trabalho de conclusão de curso surgiu por conta do impacto mundial causado pela pandemia da Covid-19 nos anos 2020 e 2021, que acabou

mudando a vida da população, bem como a importância do tema na atualidade. O trabalho se inicia discorrendo sobre a pandemia do novo coronavírus que tem gerado várias mortes e se mostrando um grande desafio para os profissionais da saúde, abordou-se também outras pandemias que antecederam o cenário atual e tiveram grande repercussão, bem como a atuação do governo brasileiro frente à pandemia atual.

No Brasil, em meio a este contexto de pandemia em que vivemos o jornalismo é um dos fatores responsáveis pela formação do imaginário do público, de acordo com Gomes e Ribeiro, pois ele traz consigo informações que são cruciais para as decisões e posicionamentos da população perante esta situação, pois é ele quem nos mostra a realidade, ou seja, nos aproxima da morte, pois a pandemia acabou revelando que o vírus não escolhe classe social, idade, gênero ou raça, podendo atingir qualquer pessoa que esteja exposta.

É mostrado como necropolítica de Achille Mbembe se tornou mais evidente perante esse cenário da pandemia, pois as decisões políticas relacionadas ao enfrentamento dos países com a doença, influenciaram diretamente nos impactos causados pelo coronavírus na população, principalmente a classe mais pobre, que não recebe um apoio maior do governo. A imunização de rebanho e o “deixar morrer” foram bastante difundidos nesse cenário, visto que, na visão dos administradores políticos, era o mais eficaz a se fazer.

Ademais, vivemos numa era digital, em que as comunicações chegam na “velocidade da luz” com fibras ópticas que permitem conexões ultrarrápidas à internet, o que facilita a difusão das *fake news*, conseqüentemente levando desinformação para milhões de pessoas ao redor do planeta.

Por causa da facilidade de acesso à informação nos dias de hoje, essas *fake news* possuem um grande impacto na adesão vacinal pela população, principalmente por conta dos movimentos antivacina, os principais responsáveis por propagar esse tipo de informação, e mesmo com os esforços científicos para tentar combatê-las. Para Sacramento, essas mensagens falsas ainda possuem grande influência sobre a adesão a vacinação pelas pessoas.

Por fim, é feita uma análise de algumas *fake news* sobre a vacina da Covid-19 publicadas na seção Fato ou Fake! do portal G1, no período de janeiro a junho de 2021, período em que teve início a vacinação no país e o governo se apoiava no fato de ser apenas uma “gripezinha” e que não teria esses efeitos catastróficos, além de incentivar o descumprimento do isolamento social e a não vacinação. Para a realização da análise foram criadas 8 categorias, sendo elas: Morte, Fraude, Suspensão, Eficácia, Reações Graves, Composição, Presença de Chip e Outros.

2 CORONAVÍRUS (Sars-CoV-2)

Desde a especulação até a confirmação dessa nova doença mortal, os últimos anos foram marcados pelo grande número de mortes pelo mundo causadas pelo novo coronavírus - COVID-19 - que, até então, se mostrava forte e bastante desafiador para os cientistas e médicos em geral. As coisas tomaram rumos catastróficos, perdas irreparáveis aconteceram, muitas famílias choraram a morte de seus entes, bem como amigos. Essas e outras situações foram estopins para que houvesse uma grande movimentação em busca de algo que pudesse ‘matar’ o vírus.

Todos os esforços realizados tiveram resultados benéficos para a humanidade, profissionais de várias áreas e países trabalharam diuturnamente pesquisando e tentando a todo custo desenvolver uma vacina eficaz para combater o vírus. Em meio a tanta agonia e em tempo recorde, foi desenvolvida a primeira vacina capaz de neutralizar o vírus, porém era necessário que fosse testada sua eficácia, e a necessidade de voluntários fez com que muita gente, saudável ou não, se candidatasse para ter uma chance de melhora, ou quem sabe, a cura.

No dia 31 de dezembro de 2019 a OMS foi alertada de um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Tratava-se do surgimento de uma nova cepa (tipo) de vírus que ainda era desconhecida em seres humanos, de acordo com os registros da Organização Pan-Americana de Saúde (2020). A única notícia conhecida era que um homem chinês de 55 anos havia morrido por conta de uma doença misteriosa no dia 17 de novembro de 2019, de acordo com o governo chinês. Desde então, passado algum tempo depois desse comunicado, o número de mortes aumentou drasticamente, passando a marca de 5 milhões de vidas perdidas até novembro deste ano.

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto do novo coronavírus como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), sendo o mais alto nível de alerta da organização, previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Essa é a sexta vez que uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional é declarada.

No início houve muita discussão a respeito de como essa doença poderia ter surgido, e em maio de 2020, por meio de resolução, a Assembleia Mundial da Saúde, pediu para que o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, que mantivesse a parceria com outros órgãos a fim de tentarem encontrar a origem do vírus. Surgiram muitas teorias a respeito da infecção, dentre elas, considerava-se que o contato entre uma pessoa e um animal era contagioso, e a de que acidentes de laboratório poderiam ter criado o coronavírus.

Por se tratar de uma doença nova, ainda não se sabia completamente quais os tratamentos ideais para o combate à doença, e nesse cenário começam a surgir as *fake news* sobre quais seriam os medicamentos usados para tratar a doença, algumas delas foram desmentidas pela seção Fato ou Fake do G1, por exemplo: É #FAKE que mistura de pimenta com mel e gengibre cure a Covid-19, É #FAKE que produto veterinário creolina cure a Covid-19, É #FAKE que cloroquina seja distribuída gratuitamente por toda a Europa para tratar a Covid-19. Algumas também afirmavam que a quarentena e o isolamento social não eram necessários além de ineficazes contra o coronavírus: É #FAKE que isolamento social faça contaminados respirarem o próprio vírus, aumentando, assim, a carga viral, É #FAKE que OMS considere desnecessário uso de máscara por quem não foi infectado pelo coronavírus.

No fim de março de 2020, a OMS lançou um relatório, que foi desenvolvido pelos especialistas chineses e de outras partes do globo, que reforçou a origem da epidemia como algo natural. Até então, o argumento mais aceito era de que o vírus teria passado de um morcego para um mamífero e, conseqüentemente, para um humano, mas houve quem defendesse que a transmissão direta, de um morcego para um humano, também era uma hipótese bastante plausível.

No mesmo relatório, foi apontado que a transmissão do vírus por meio de produtos alimentícios infectados era possível, no entanto era uma hipótese remota. E ainda existia a possibilidade de o vírus ter sido criado em um laboratório chinês e este teria, de alguma forma, escapado ‘acidentalmente’, porém esta hipótese foi categorizada como “extremamente improvável”.

A dúvida que ainda se tinha, era saber como o vírus havia se instalado em humanos, e se havia a possibilidade de ser um hospedeiro para outras doenças. Segundo a OMS, o objetivo da descoberta era combater a reinfecção pelo vírus e evitar que outras doenças se aproveitassem das lacunas deixadas, diminuindo a chance do surgimento e transmissão de outras doenças.

2.1 OUTRAS PANDEMIAS

Apesar de o momento ser de muita luta contra o novo coronavírus, não podemos deixar de falar de outras pandemias que aterrorizaram o planeta em períodos distintos. Há quem fale na maldição dos anos 20, onde em cada vigésimo ano de cada século, uma nova pandemia surge, mas, segundo CAPUCHO (2020) em seu artigo para o site Observador, tudo não passa de *fake news*, e muitas das datas dessas grandes catástrofes são imprecisas, sendo que muitas delas não chegam nem perto da década de 20 de cada século.

A Peste Bubônica é, historicamente, considerada a causadora da Peste Negra, que aconteceu por volta do século 14, na Europa, e que se acredita ter resultado na morte de 75 a 200 milhões de pessoas, e no fim, teria diminuído a população global para 350 milhões. Essa doença é causada pela bactéria *Yersinia pestis* e pode se espalhar pelo contato com pulgas e roedores infectados. Os sintomas mais comuns são: inchaço dos gânglios linfáticos na virilha, bem como axila e pescoço, dor de cabeça, fadiga, febre, dores e calafrios.

A Varíola foi outra doença que, por mais de 3 mil anos, aterrorizou a humanidade, mas que foi completamente erradicada do planeta. A Organização Mundial da Saúde lançou nota no dia 8 de maio de 1980, onde declarava a doença extinta. Essa doença foi responsável por várias mortes no mundo, até que fosse encontrada uma vacina. Seu agente causador era o *Orthopoxvirus variolae*, sendo transmissível por vias respiratórias, e os sintomas incluíam febre, erupções na garganta, boca e no rosto.

A Cólera teve seu primeiro surto global em 1817, causando milhares de mortes e trazendo um grande desafio para a medicina da época. Sabe-se que, desde a época do primeiro surto, a doença sofre mutações, ainda causando alvoroço na medicina, uma vez que pode vir com mais força. A bactéria, chamada *Vibrio cholerae*, se manifesta no organismo após o consumo de água ou alimentos contaminados e, em geral, são encontrados em países subdesenvolvidos. No Brasil, há registro de casos de cólera, principalmente na região Nordeste.

A Gripe Espanhola foi responsável pela morte de aproximadamente 50 milhões de pessoas em 1918 e, sendo do tipo influenza, infectou mais de um quarto da população global na época. Não se sabia ao certo a origem da doença, mas suspeitava-se que poderia ser oriunda da China, Estados Unidos ou Reino Unido, mas foi nos EUA que foram registrados os primeiros casos. Por causa do clima de guerra que havia na época, a doença se espalhou mais rapidamente, com o deslocamento de tropas para os campos de batalha, impactando os países participantes.

Um detalhe é que os países envolvidos na guerra não falavam a respeito da epidemia, e isso fez com que apenas a Espanha, que não estava envolvida na guerra, propagasse notícias falando do novo surto, daí ficou conhecida como “Gripe Espanhola”. A doença chegou ao Brasil através de um navio chamado “Demerara” que veio de Lisboa até o Rio de Janeiro. Os sintomas dessa doença eram semelhantes aos da Covid-19 e não havia cura, as pessoas morriam de maneira rápida, não havia aparelhos respiradores e nem antibióticos, além disso, o vírus não era visto em microscópios como são atualmente.

Com o objetivo de compreender sobre esse tempo de pandemia, podemos trazer a obra “A bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil” das autoras Lilia Moritz Schwarcz e Heloísa Murgel Starling, que em sua obra, lançada em 2020, fazem uma indagação ao passado, para

compreender o presente. O livro faz uma análise do cenário causado pela Gripe Espanhola em algumas capitais do Brasil, e retrata as semelhanças dos acontecimentos de 1918 e 2020. Um exemplo disso são as tentativas de espaços públicos como os teatros, as lojas, escolas, o estímulo ao isolamento social, foram ações tentadas em 1918. Havia também os mitos sobre remédios que na verdade não faziam nenhum efeito contra a doença, o que retrata perfeitamente o momento que vivemos com a pandemia da Covid-19.

“Existem também aqueles que procuram colocar a economia na frente da saúde, abusando de argumentos ditos nacionais, animando o movimento das ruas e desprestigiando o exercício das autoridades médicas” (SCHWAREZ E STARLING, 2020, p. 175). Mesmo naquela época, a pandemia da gripe espanhola também se associou com a história política, social e financeira do Brasil, pois assim como nos dias atuais, políticos minimizaram a importância da doença, as recomendações médicas e os perigos da gripe eram diminuídos nos jornais que circulavam na época, assim como o negacionismo que presenciamos atualmente.

“Sabemos, porém, que a humanidade é teimosa na hora de aprender com o passado. Normalmente opta por repetir comportamentos. É o que Susan Sontag chama de ‘doença como metáfora’: a maneira como o senso comum prefere se apegar a irracionalismos, afastar-se das descobertas científicas e castigar as vítimas com o peso de uma culpa injustificável” (SCHWAREZ E STARLING, 2020, p. 35).

Essas foram apenas algumas dentre as mais desastrosas epidemias que aconteceram no mundo, e é fato que ocorreram em épocas diferentes, mas a maioria delas não se encaixa na famigerada “maldição dos anos 20”, tratando-se apenas de texto republicado e traduzido do espanhol para o português - que é o caso da publicação que deu origem a essa *fake news* -, ignorando as datas reais dos eventos e trazendo desinformação aos leitores.

2.2 OUTROS PAÍSES FRENTE À PANDEMIA

As consequências da pandemia de COVID-19 atingiram todos os continentes, e isso fez com que um alerta global soasse, e a medicina mundial corresse contra o tempo a fim de salvar sua população. Muitos países tomaram medidas rápidas para tentar conter a disseminação do novo vírus que estava à espreita, como a Nova Zelândia que, ao saber do surto, fechou fronteiras com vários países, rendendo-lhes o menor índice de infectados, uma estratégia da primeira-ministra Jacinda Ardern que foi bastante elogiada à época, e o Chile, que na primeira oportunidade negociou com as empresas fabricantes das vacinas.

Desde a especulação até confirmação de uma nova doença mortal, os últimos anos foram marcados pelo grande número de mortes pelo mundo causadas pelo novo coronavírus - COVID-19 - que, até então, se mostrava forte e bastante desafiador para os cientistas e médicos em geral. As coisas tomaram rumos catastróficos, perdas irreparáveis aconteceram, muitas famílias choraram as mortes de parentes, bem como de amigos. Frente à grande mortalidade causada pela Covid, que já matou mais de 5,3 milhões de pessoas no mundo e infectou mais de 279 milhões (OMS, 2021), cientistas de vários países se mobilizaram para desenvolver uma vacina.

Os esforços realizados tiveram resultados benéficos para a humanidade. Em meio a tanta espera e em tempo recorde, foi desenvolvida a primeira vacina capaz de neutralizar o vírus, porém era necessário que fosse testada sua eficácia, e a necessidade de voluntários fez com que muita gente, saudável ou não, se candidatasse para ter uma chance de melhora, ou quem sabe, a cura.

2.3 A PANDEMIA NO BRASIL

O primeiro caso de Covid-19 confirmado no Brasil, pelo Ministério da Saúde, ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. Um homem de 61 anos que havia viajado para a Itália entre os dias 9 e 21 de fevereiro. O paciente apresentava sintomas leves da doença, recebeu os cuidados necessários e se manteve em isolamento domiciliar enquanto se investigava o contato com os familiares.

Mesmo com as medidas de enfrentamento da Covid-19 baseadas na Lei nº 13.979/2020, em vigor desde 7 de fevereiro de 2020, sendo isso bem antes do início oficial da pandemia, o presidente Jair Bolsonaro minimizou a sua importância, sendo um dos únicos dirigentes mundiais a recusar reconhecer a ameaça que a doença constitui. Matérias jornalísticas divulgaram os posicionamentos públicos e contrários às medidas que foram implementadas pelos estados e municípios do país, além dos diversos incentivos aos seus seguidores nas redes sociais para o descumprimento das recomendações de isolamento social.

Em 12 meses de pandemia, o Brasil mudou de Ministros da Saúde quatro vezes e foi nesse cenário que o país enfrentou uma grave crise sanitária (NEVES E GOMES, 2021). Os dois primeiros ministros da gestão de Bolsonaro deixaram o cargo por não concordarem com as decisões tomadas pelo presidente sobre a pandemia. O terceiro ministro da saúde, Eduardo Pazuello, que permaneceu no cargo durante 6 meses – general do Exército Brasileiro, especialista na área de logística, e sem experiência ou formação na área da saúde - foi questionado se conseguiria combater a pandemia. Uma das principais críticas que o general

recebeu durante sua permanência no cargo foi sobre a demora para fechar contratos de compra com os laboratórios fabricantes da vacina (NEVES E GOMES, 2021).

Segundo Aquino et al. (2020) meio a esse cenário político, somada a crise sanitária se instala uma grave crise política, a implementação de medidas de controle, incluindo o distanciamento social, que foi assegurado por governadores e prefeitos, principalmente em estados mais afetados pela pandemia. Com a autonomia administrativa dos estados e municípios em áreas como saúde, educação e comércio, prevista na Constituição Federal, ficou proibida a interferência direta do governo federal nas decisões de governos locais sobre a adoção de medidas emergenciais a respeito da saúde pública (AQUINO et al., 2020)

Dados do Boletim do Observatório Covid-19 Fiocruz mostram que desde o registro do primeiro caso da doença no Brasil até o dia 2 de janeiro de 2021, foram contabilizados 7.714.819 casos e 195.742 óbitos. A edição de 2021 mostra como a dimensão continental, a heterogeneidade, as desigualdades sociais e as iniquidades na saúde existentes no nosso país acabaram sendo enormes obstáculos no cenário atual e ainda serão em um futuro pós-pandemia. Além de dar a devida importância ao Sistema Único de Saúde (SUS), que tem a equidade em saúde como um dos principais princípios, além do papel fundamental no enfrentamento da pandemia.

Na análise feita também no boletim, nota-se que as medidas de contenção adotadas ao longo do ano não foram suficientes para conter de maneira eficaz o avanço dos casos de Síndromes Respiratórias Agudas Graves (SRAG) em 2020, mesmo após um período de redução desses níveis.

Em janeiro de 2021 o Brasil inicia a campanha de vacinação em todo o país, sendo que a aprovação das vacinas CoronaVac e Vacina de Oxford pela ANVISA foi feita para uso emergencial. Ainda em janeiro, na cidade de Manaus, foi registrado o primeiro caso de uma nova variante do vírus denominada de P1. A cidade enfrentou diversos momentos delicados, com falta de suprimentos e a superlotação nos hospitais públicos e privados. Além disso, a cidade passou por momentos críticos com a falta de oxigênio, sendo necessária uma requisição feita pela secretaria de saúde a 17 empresas que fornecessem suprimentos, devido à incapacidade dos fornecedores suprirem a necessidade do local.

2.4 IMAGINÁRIO DA PANDEMIA NO BRASIL

Com a chegada da pandemia da covid-19 acabaram surgindo novas maneiras de se relacionar, ocorrendo transformações no meio familiar, no trabalho, na relação com o outro e

até consigo mesmo. As relações sociais em meio a esse cenário revelaram completamente nossas necessidades de liberdade, do ir e vir e do contato físico.

Quando pensamos no contexto criado pela pandemia no Brasil, precisamos compreender não só o fenômeno como um todo, mas também pensar em como o indivíduo é capaz de lidar com a angústia causada pelo medo da morte, pois ela acaba evidenciando esse sentimento, “A pandemia da Covid-19 evidencia a morte como um fenômeno abrupto, aleatório e inadiável.” (GOMES; RIBEIRO, 2021, p. 107).

O imaginário é produzido pelos desejos e impressões partilhadas pelos indivíduos, ultrapassando a esfera racional. O imaginário é “o conjunto de crenças, representações, fantasmagorias, criações culturais e cotidianas que permitem expressar, dar forma a esse sentimento comum” (MAFFESOLI, 2020, p. 8).

A propagação dos imaginários ocorre por meio de suas próprias tecnologias “Os imaginários difundem-se por meio de tecnologias próprias, que podem ser chamadas de tecnologias do imaginário” (SILVA, 2020, p. 8).

O jornalismo é o principal responsável por formar o imaginário social, pois o imaginário existe porque existe comunicação. “O jornalismo traduz o imaginário em narrativa, promove interação, cria vínculos e naturaliza modos de ser que se espraiam no social” (GOMES, 2016, p. 26). É uma atividade que possui suas próprias técnicas para trazer um sentido ao mundo e atua sobre o simbólico (GOMES; RIBEIRO, 2021), sendo assim, uma tecnologia do imaginário.

Ao nos depararmos com imagens da pandemia em noticiários, jornais e internet, isso acaba nos trazendo uma memória coletiva, pois torna a morte cada vez mais visível. Um exemplo disso, são as matérias sobre Covid-19 que passam no *Jornal Hoje* e principalmente no *Jornal Nacional*. “O jornalismo é uma forma de organizar a vida, tem a pretensão de orientar as pessoas dando sentido aos fenômenos” (GOMES, 2016, p. 26).

O Estado é também um dos principais responsáveis pelo adoecimento e pela morte de pessoas nesse cenário, afinal não se trata apenas uma questão biológica. “As decisões políticas podem selar o destino das pessoas, distinguindo entre aquelas que terão mais chances de sobreviver, diante do caos instalado, e as que vão sucumbir à doença. A vida e a morte, portanto, inserem-se em uma ordem de poder” (GOMES; RIBEIRO, 2021, p. 108). Isso caracteriza a necropolítica, ou seja, o poder sobre a morte, ocorrendo assim “a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material dos corpos” (MBEMBE, 2020, p. 10).

O cenário do Brasil em meio a Covid-19, reflete todas as desigualdades sociais já vividas em outras pandemias, pois o acesso aos direitos básicos, os fatores socioeconômicos e as decisões do Estado influenciam diretamente nos impactos e nas mortes causadas pela doença no país. A necropolítica também se tornou mais evidente nesse período,

O próprio presidente do Brasil tomou decisões que evidenciaram a necropolítica, negando a gravidade da doença, comparando-a a uma “gripezinha”, além de disseminar informações falsas, incentivar aglomerações e culpabilizar a mídia, principalmente a Rede Globo, por exagerar na cobertura do assunto. (GOMES; RIBEIRO, 2021, p. 108).

Em 2021 o Brasil viveu o pior momento da pandemia, enfrentando um colapso no sistema de saúde de vários estados, falta de leitos em unidade de terapia intensiva (UTI), falta de tubos de oxigênio em hospitais, além da superlotação dos hospitais e longas filas de espera por pacientes que precisavam que atendimento. Foi possível acompanhar todo esse processo pelos meios de comunicação, fossem eles da TV, do rádio ou da internet. “As notícias sobre a pandemia predominam nos telejornais modificando, inclusive, os modos de produção dos conteúdos, os processos de apuração e a própria atuação dos jornalistas” (GOMES; RIBEIRO, 2021, p. 109).

2.5 NECROPOLÍTICA

O termo Necropolítica foi criado pelo filósofo, teórico político, historiador e professor universitário camaronês Achille Mbembe, que em 2003 escreveu um ensaio que questiona os limites da soberania do Estado, pois para ele a necropolítica é o poder de ditar quem deve morrer e quem deve viver. O termo é usado para discutir as:

formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas ‘a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações’. Tais formas da soberania estão longe de ser um pedaço de insanidade prodigiosa ou uma expressão de alguma ruptura entre os impulsos e interesses do corpo e da mente. (MBEMBE, 2016, p.125)

A necropolítica se baseia nos conceitos de biopoder, do filósofo Michel Foucault e estado, de Giorgio Agamben. Embora esses conceitos sejam amplos, não conseguem contemplar as formas de controle de vida e morte produzidas pelos processos colonizadores. O “deixar morrer” se torna aceitável, no entanto não é aceitável em todos os corpos, pois o corpo matável, é aquele que sempre corre risco de morte a todo momento, devido um parâmetro

divisor de raças. Em entrevista ao portal Educação e Território a pesquisadora de necropolíticas da fronteira, mestra em políticas públicas e direitos humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mariana Castro diz que a necropolítica é a capacidade de estabelecer algum tipo de parâmetro em que a submissão da vida pela morte é legitimada.

Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também. Esse poder de morte, esse necropoder, é um elemento estrutural no capitalismo neoliberal de hoje, atuando por meio de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de certos grupos e populações (CASTRO, 2020)

Mbembe explica que, com a criação do termo, seu objetivo era demonstrar as diversas formas, pelas quais, existem no mundo contemporâneo estruturas com o intuito de causar a destruição de determinados grupos sociais. Essas estruturas são na verdade, formas contemporâneas de vidas que estão sujeitas ao poder da morte, são formas de existência social, em que diversas populações estão submetidas a condições de vida que acabam lhes dando um status de “mortos-vivos”.

O autor faz uma ampliação do conceito de biopoder de Foucault, que consiste na gestão da morte, fazer viver e deixar morrer, além da noção de soberania, que se baseia no sentido de existir forças ou poderes que exercem algum tipo de autoridade sobre comunidades, populações e territórios.

Essas soberanias podem estar relacionadas ao Estado, já que ele não cumpre seus deveres de proteção e asseguramento de direitos, mata e nega os direitos básicos de uma sociedade. Exemplos disso, são as milícias, grupos terroristas e outras organizações que subjagam outros grupos ou os mantêm em condições de vida precárias. “Minha preocupação é com aquelas formas de soberania cujo projeto central não é a luta pela autonomia, mas a instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2016, p.125).

Em todas as sociedades existem normas e leis para a população que afirma que homens e mulheres são livres e iguais. A política é o que nos dá autonomia e nos diferencia de um estado de conflito, por isso Mbembe afirma que o Estado é responsável por estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte. No entanto, os Estados usam seu poder e seus discursos para criar as chamadas “zonas de morte”, um exemplo disso, é a região da Palestina.

Para Foucault, o Estado nazista foi o principal exemplo de um estado exercendo o direito de matar. Pois segundo ele, esse Estado fez com que a gestão, a proteção e o cultivo da vida tivessem o mesmo valor que o direito soberano de matar. Pela sua organização de guerra contra

seus adversários e, por ao mesmo tempo expor seus cidadãos à guerra, o Estado nazista é visto como o responsável pela consolidação do direito de matar. Sendo o causador do Holocausto – política de genocídio cometida principalmente contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial – o nazismo era relacionado a três características principais: Estado racista, Estado assassino e Estado suicida.

No ensaio, Mbembe argumenta que a necropolítica reconfigura completamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Além de demonstrar que o conceito de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte. Além disso, o autor propõe a noção de necropolítica e necropoder para explicar de várias formas o porquê de na contemporaneidade as armas de fogo são implantadas a fim de causar destruição máxima de pessoas e da criação do que ele chama de “mundos de morte”, novas formas únicas de existência social, em que populações são submetidas a condições de vida que lhes deixam em condições de “mortos-vivos”. Por último, o ensaio aborda algumas topografias reprimidas de crueldade, além de sugerir que sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem.

2.5.1 NECROPOLÍTICA NO BRASIL

O Brasil se constitui sob um regime de necropolítica. Pois ela começa com o genocídio das populações indígenas que habitavam no território brasileiro antes da colonização portuguesa, além da escravização das populações africanas trazidas para o país. “Na necropolítica, a legitimação da submissão da vida pela morte é baseada nas relações de classe e gênero, mas sobretudo raça” (CASTRO, 2020).

Ao longo de toda a história do Brasil, existiram discursos que possuíam o poder de retirar a humanidade de determinados grupos, por meio da desqualificação de pessoas, ou seja, se baseava na ideia de que alguém merecia ser punido e de que os políticos existem apenas para a maioria e não para minorias.

Um exemplo desses discursos/momentos, é a ditadura no Brasil. Em que os 21 anos de regime autoritário acabaram resultando em mortes e desaparecimento de corpos. Pois naquela época, se uma pessoa que fosse opositora ao regime era presa, torturada e assassinada, era também considerada um inimigo visível que merecia um fim. O discurso que prevalecia nessa época possuía o poder de estabelecer parâmetros que fossem aceitáveis para controlar e tirar vida de pessoas.

Outro momento que refletiu esse regime, foi a escravidão. Em que durante 300 anos a precarização de vidas foi a base da construção e formação de nossa sociedade. Mesmo todas as pessoas tendo seus direitos igualitários perante a lei, os dados mostram que isso não ocorre na realidade, ou seja, nem todos possuem as mesmas oportunidades. Além disso, esse tipo de política gera a marginalização de pessoas, alguns discursos acabam fortalecendo a ideia de que em lugares com alta criminalidade vidas podem ser tiradas em prol de um bem comum. Como é o caso da guerra do tráfico e da criminalidade no Brasil.

As consequências geradas por essa formação necropolítica acabam sendo mais fortes sobre as populações negras e indígenas. Um exemplo disso é a política de segurança pública existente no Brasil e os corpos e territórios presentes nelas.

A violência policial vem crescendo nos últimos anos no Brasil, além de possuir uma das maiores populações carcerárias do mundo, no entanto, a população negra e das favelas é a que mais sofre com esse sistema. Em entrevista à Ponte, Rosane Borges, jornalista, professora e pesquisadora do Colabor (Centro Multidisciplinar de Pesquisas em Criações Colaborativas e Linguagens Digitais) da ECA-USP (Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), fala um pouco sobre como ocorre essa política de morte da segurança brasileira, e isso acaba gerando um genocídio da população jovem negra.

“É o que a gente vê, por exemplo, nas favelas, nas comunidades do Rio de Janeiro, nas periferias das grandes cidades brasileiras. Não há nenhum tipo de serviço de inteligência, de combate à criminalidade. O que se tem é a perseguição daquele considerado perigoso. A necropolítica reúne esses elementos, que são reflexíveis e tem desdobramentos que a gente pode perceber no nosso cotidiano, na nossa chamada política de segurança”. (BORGES, 2019).

Cabe ao Estado a manutenção da vida do cidadão, garantindo-os um mínimo de segurança, e não esperando que o indivíduo venha a óbito. Quando esse tipo de situação acontece, podemos dizer também que o Estado não cumpriu com sua função, pois o seu dever é, também, de cuidar da vida de todos.

2.5.2 NECROPOLÍTICA E A COVID-19

Uma certeza que temos hoje, é a de que o coronavírus não escolhe quem será contaminado pela doença. A contaminação de pessoas, independe totalmente de raça, gênero, idade ou orientação sexual. Mas, o comportamento que foi adotado pelos Estados e suas sociedades para lidar com a situação podem gerar alguns tipos de dinâmica de diferenciação, e

a Necropolítica é uma das responsáveis por nos ajudar a entender como determinadas pessoas acabaram se tornando mais vulneráveis ao covid-19.

A Economia Política é a ciência responsável por estudar as relações sociais de produção, circulação e da distribuição de bens materiais que atendem as necessidades humanas, principalmente as três principais classes da sociedade capitalista: capitalistas, proletários e latifundiários. O termo foi introduzido por Antoine de Montchrestien no ano de 1615, na sua obra “Tratado de Economia Política”, e tinha o objetivo de passar para a atividade estatal os princípios e as ideias da Economia.

A economia política em seu conteúdo, social, político e histórico, baseada nos princípios neoliberais do livre mercado, acaba dando apoio a um tipo de gestão em que o Estado acaba se sobressaindo à governança econômica por causa dos efeitos sociais que isso possa gerar em um contexto de crise.

Quando falamos em ‘economia necropolítica’ da pandemia, referimo-nos à definição dada (...), incrementada pelo fator “morte”, em outras palavras, remetemo-nos ao tratamento dado aos problemas econômicos relacionados à pandemia da Covid-19, levando em conta a gestão da vida e da morte e seu peso na gestão da produção e distribuição de riquezas. (SILVA; SILVA, 2020, p. 367).

Desde os primeiros registros de que havia uma pandemia no mundo, as expectativas eram de que as principais atingidas seriam as favelas do Brasil. As principais medidas de prevenção contra a disseminação da doença são o isolamento social e higiene das mãos, e não cumprir esses requisitos poderiam levar as pessoas rapidamente a se tornarem vítimas do vírus. Pois são justamente as pessoas que não possuem acesso à infraestrutura, saneamento básico adequado, fornecimento de água tratada e recolhimento de esgoto regular que acabam se tornando alvos fáceis para esse tipo de situação.

Neves e Gomes (2021) afirmam que a desigualdade e o racismo no Brasil são alarmantes, e que com a chegada da pandemia a situação de milhares de vidas que não reben nenhum tipo de proteção do Estado ficou ainda mais precária. Um estudo feito pela Vital Strategies, em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Afro-Cebrap) mostrou um índice muito maior de mortes pela covid-19 em pessoas negras do que brancas no estado de São Paulo durante o ano de 2020. Mesmo com o aumento da mortalidade para ambas as raças, entre pessoas negras a situação foi mais alarmante: houve um aumento de 25,1%, enquanto para brancos o aumento foi de 11,5%. Já para jovens negros esse valor é quase quatro vezes maior; para idosos negros, é o dobro. (MARINHO et al., 2021).

Assim, esse se torna um cenário visível de ampliação das desigualdades raciais presentes no Brasil, e, portanto, é necessário desvelar os mecanismos de poder em que estas desigualdades são ampliadas no cenário brasileiro.

O desrespeito à individualidade humana baseada em algumas características, como raça, identidades de gêneros e/ou sexual experimentadas pelos sujeitos, é fortemente arraigado no imaginário social e vem sustentando desigualdades, discriminações, abjeções e não reconhecimento de direitos (NEVES E GOMES, 2021, p. 54).

Neves e Gomes (2021) afirmam que o biopoder é uma tecnologia de poder, sendo um sistema que faz uso de diversas tecnologias em uma só, permitindo o controle de populações inteiras. Em determinado momento que o poder precisa ser justificado racionalmente, o biopoder é usado dando ênfase na proteção de vida, na regulação do corpo, na proteção de outras tecnologias e apresenta reflexões sobre ações disciplinares e vigilantes, que interferem nas principais características da vida humana. Os autores afirmam ainda que a necropolítica analisa as sociedades capitalistas e as instituições como os governos, a partir da ideia de ser uma política focada na produção de morte em grande escala, característica de um mundo em crise sistêmica.

Com as dificuldades enfrentadas pela área da saúde no Brasil em meio a pandemia e as ações questionáveis de líderes políticos em diversos países, foram tomadas algumas medidas para corrigir o problema. Pois com o inevitável esgotamento dos sistemas de saúde, dos leitos, do diagnóstico e tratamento da doença, surge a questão sobre decidir quem deve viver ou morrer, expondo de forma clara o que Mbembe (2003) chama de necropolítica. “O ‘deixar morrer’ é um gerador do extermínio em massa, e esta pandemia é mais uma entre tantas doenças que mostram a face perversa deste sistema perpetuador de desigualdade” (NEVES E GOMES, 2021, p.55).

No cenário pandêmico da Covid-19, os corpos se tornam vulneráveis à infecção, ao acesso de serviços públicos, ao adoecimento e até a morte, há ainda a falta de políticas públicas que cobrem estratégias sanitárias e iniciativas governamentais necessárias para o enfrentamento da pandemia (NAKAMURA E SILVA, 2020). As autoras também afirmam que grande parte da população ainda é impossibilitada de seguir as recomendações de saúde, como o distanciamento social e o confinamento, o que as torna ainda mais vulneráveis a doença.

2.6 *FAKE NEWS*

O surgimento das tecnologias possibilitou que cada usuário fosse capaz de criar conteúdo, no entanto essa liberdade acabou facilitando também a postagem de diversos tipos de informações, sejam elas verdadeiras ou não. As *fake news* são mensagens produzidas para chamar a atenção do público no intuito de passar uma informação falsa, normalmente disfarçadas de notícias que possuem credibilidade, para a audiência que as recebe, são criadas com objetivo de manipular as pessoas.

Informações falsas costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras. Elas visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos. (SANTAELLA, 2018, p. 23)

Apesar de não haver uma definição concreta de *fake news*, um conceito possível para esse tipo de notícia é o dado pelo Dicionário Cambridge, de que são “histórias falsas que parecem ser notícias, espalhadas na internet ou usando outros meios de comunicação, geralmente criadas para influenciar visões políticas ou como uma piada”. Esse tipo de informação é disseminada nas redes sociais e causa cada vez mais preocupação para a saúde pública, pois essas informações falsas prejudicam a eficácia dos programas e das campanhas que auxiliam na saúde e no bem-estar da população.

Essas notícias podem se propagar de diversas formas, como: vídeos, áudios, textos, aplicativos e redes sociais. Tudo com o intuito de gerar acessos e visualizações, além de descredibilizar e gerar dúvida sobre alguma informação confiável.

Com esse mimetismo comunicacional, as *fake news* enganam os sistemas de proteção naturais e informais do debate público, e aí sim, contando mentiras, produzem seus estragos. (BUCCI, 2019, p. 38).

Bucci deixa claro que essas notícias falsificam o relato jornalístico, se fazendo passar por ele, no entanto, suas fontes são desconhecidas, com origens remotas e inacessíveis. Possuem uma origem quase sempre forjada e tem o propósito de enganar o público. “As *fake news* tapeiam o leitor em diversas áreas: na política, na saúde pública, no mercado de consumo, na ciência” (BUCCI, 2019, p. 41 e 42). Além de depender sempre das tecnologias e da internet para ter uma maior potência e velocidade de disseminação, elas também geram lucro, seja econômico ou simbólico.

As novas mídias contribuem para que essa desinformação online ganhe força e sejam bastante utilizadas, pois se tornam um espaço de facilidade de acesso à informação e acabam

diminuindo o poder de influência dos meios de comunicação em massa “o ciberespaço não garante qualidade da informação, bem como não impede a propagação de boatos e mentiras” (MEDEIROS; LÔRDELO, 2012, p.46).

As consequências geradas pelas *fake news* podem ser enormes, pois a propagação desse tipo de informação atinge diversas áreas que são de interesse da população, causando danos a elas.

As *fake news* são tipicamente falsas e, por causa disso, podem gerar danos epistemológicos, morais, econômicos, políticos, etc. As consequências de uma decisão baseada em desinformação podem ser desastrosas. (MULLER, SOUZA, 2018, p.6).

Em 2016, o Dicionário Oxford nomeou *post-truth* – pós-verdade em inglês – como a palavra do ano. De acordo com a definição dada pelo dicionário, trata-se de “um adjetivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais”.

Na obra “Pós-verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de *Fake news*”, o autor Matthew D’ancona declara que a pós-verdade se relaciona ao fato de reparar apenas em informações que se alinham a maneira que pensamos, pois:

Nós nos tornamos tão seguros em nossas bolhas que começamos a aceitar apenas informações, verdadeiras ou não, que correspondem às nossas opiniões, em vez de basearmos nossas opiniões nas evidências que estão por aí. Apesar de suas maravilhas, a web tende a amplificar o estridente e dispensar a complexidade. Para muitos – talvez a maioria – estimula o viés de confirmação, e não a busca pela divulgação acurada. (D’ANCONA, 2018, p.52).

Isso significa que a tendência humana é buscar e dar prioridade a informações que estejam relacionadas às suas crenças pré-estabelecidas, sejam elas verdadeiras ou não. Trazendo para uma visão política e ideológica, esse viés se confirma e se mostra cada vez mais presente. Um exemplo disso, quando um eleitor lê uma *fake news* negativa sobre algum candidato que ele não gosta, é bem provável que ele acredite ser uma notícia verdadeira e acabe compartilhando esse conteúdo. Já quando esse mesmo eleitor se depara com *fake news* sobre seu candidato favorito, ele tende a duvidar e avaliar essas informações de forma mais crítica.

Durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil, o uso de *fake news* esteve bastante presente no 2º turno, mas um dos principais exemplos é o do suposto “kit gay”. Nesse caso, as notícias diziam que o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, havia criado um suposto “kit gay” feito para crianças de 6 anos de idade, o que acabou sendo desmentido por agências de checagem. O TSE ainda determinou que fossem retiradas da

internet todas as publicações relacionadas a isso feitas pelo candidato Jair Bolsonaro. Uma pesquisa feita pela Avaaz mostrou que essa e outras *fake news*, tiveram um impacto significativo nas eleições.

A pandemia da Covid-19 mostrou que cada vez mais a população tem acesso a esse tipo de informação, tudo isso por conta do aumento progressivo no número de pesquisas sobre saúde pública pelos brasileiros, tendo o Google como principal ferramenta de busca. Uma pesquisa realizada pela Avaaz mostra que 9 em cada 10 brasileiros que foram entrevistados no país viram pelo menos uma informação falsa sobre a Covid-19, e ainda que 7 a cada 10 entrevistados acreditaram em pelo menos uma dessas informações falsas sobre a pandemia.

2.7 INFODEMIA

Junto de toda notícia falsa, vem o excesso de informações propagadas por diversos meios de comunicação e, atualmente, essa prática se torna ainda mais fácil, devido ao uso das redes sociais, como Telegram, WhatsApp, Twitter, Instagram e afins, que nos dão a facilidade e integralidade de consumir e compartilhar todo e qualquer tipo de conteúdo, ainda que sejam revisados ou não.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em meio a pandemia de COVID-19, nos alertou sobre uma outra epidemia global chamada de ‘infodemia’, e tratou-a como algo crítico, já que notícias de todas as naturezas, principalmente em relação ao novo coronavírus, estavam sendo veiculadas de maneira descontrolada, muitas delas sem base científica e/ou escritas por pessoas com intuito apenas de propagar desinformação e causar um caos global.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) em colaboração com a OMS, uma infodemia é “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa”, ou seja, o termo trata de um elevado volume de informações a respeito de assuntos específicos que se propagam muito rápido e em um curto período, levando consigo dados variados, sendo de fontes confiáveis ou não.

Esse grande volume de informações é um fenômeno que teve início nos anos 2000 e tem se tornado popular com o acesso à Internet, ainda mais com uso cotidiano das redes sociais, e esse período de pandemia exerceu grande influência no comportamento social, onde o consumo e compartilhamento de assuntos, como a COVID-19, se alastrou de forma que as pessoas já não conseguiam distinguir o que era verídico e o que era *fake news*.

Ainda que tenha tomado mais visibilidade durante a pandemia, o termo ‘infodemia’ não é recente. Segundo BOTELHO (2020) foi criado e citado primeiramente por David J. Rothkopf, e foi mencionado em sua coluna no jornal The Washington Post, durante a epidemia de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) em 2003. Na coluna, ROTHKOPF (2003) define infodemia como:

Alguns fatos, misturados com medo, especulação e boato, amplificados e transmitidos rapidamente em todo o mundo pelas modernas tecnologias da informação, afetaram as economias nacionais e internacionais, a política e até a segurança de maneiras totalmente desproporcionais às realidades básicas

Por conta disso, podemos dizer que a infodemia teve grande influência na decisão de muitas pessoas no planeta que preferiram não tomar vacina, dificultando o trabalho dos médicos e contribuindo para a proliferação do vírus, afinal, sem os devidos cuidados, o contágio é certo.

2.8 VACINA

O direito à informação é reconhecido pela Constituição Federal de 1988 no artigo 5º, incisos IV, XIV e XXXIII, que engloba o direito de informar, direito de se informar e o direito de ser informado, é importante ressaltar que o direito de ser informado abrange a ideia do direito de receber informação, sendo este, um direito essencial ao indivíduo, para que faça escolhas conscientes e claras. Pois ter acesso a informação adequada é um elemento decisivo na disseminação de opiniões relativas à importância das vacinas para a saúde individual e coletiva.

Quando falamos do direito à saúde, sabemos que se trata de um direito que passa por diversas transformações por causa das novas descobertas de tratamento que surgem com os avanços da medicina e da ciência. A sociedade da informação acaba sendo bastante beneficiada por essas descobertas, pois acaba efetivando esse direito fundamental a nós, isso abrange também o conceito de bem-estar e não só a ausência de doenças.

A globalização trouxe diversos ganhos e avanços para nossa sociedade, no entanto, trouxe alguns problemas também, um exemplo disso é o ressurgimento de doenças que antes eram consideradas controladas. Mas a globalização não é a única responsável por isso, outros fatores que colaboram para esse cenário são a degradação ambiental, mudanças no comportamento social, mudanças de interesse econômico, guerras civis, entre outros.

Dados de 2018 da OMS mostram que mais de 41 mil crianças e adultos foram infectados pelo sarampo nos primeiros seis meses, excedendo os números reportados no período de 12

meses desde o ano de 2010. Esse ressurgimento global de doenças de forma alarmante como é o caso da febre amarela, do sarampo e da tuberculose, é resultado justamente dos motivos que já foram citados, como por exemplo as mudanças de comportamento social, ressaltando também a falta de informação adequada e necessária. Uma das principais causas da recusa de pessoas em aceitar imunização pela vacina está relacionada à falta de informação ou à informações falsas relacionadas à vacina, sendo que essa é uma das formas mais eficazes de conter o crescimento de doenças.

A cobertura vacinal adequada é fator primordial para a proteção da população nas diversas faixas etárias, pois tem o poder de impedir a proliferação de determinadas doenças e/ou até mesmo erradicá-las, impactando positivamente a saúde pública. (MILANI; BUSATO, 2021, p. 163)

Por causa da grande quantidade de informação que recebemos todos os dias, na maioria das vezes não conseguimos distinguir se uma informação é verdadeira ou falsa. No entanto, por conta da falta de conhecimento da maior parte da população essas notícias acabam se espalhando e sendo tomadas como verdade, o que afeta o direito à informação e à liberdade de decisão da maior parte de nossa sociedade.

A propagação das *fake news* possui um grande impacto na adesão à vacinação pela população, os movimentos antivacinas mesmo sendo antigos, continuam se fortalecendo em todo o mundo, o resultado desses movimentos negativos relacionados a vacinação é justamente a hesitação vacinal pela população. É necessário que o Estado se responsabilize por conceder o direito fundamental de acesso à saúde à população, incluindo o de se vacinar, além de promover campanhas que esclareçam a importância das vacinas para as pessoas.

Os pesquisadores TEIXEIRA e SANTOS (2020), relataram que desde a gripe espanhola, a maior epidemia que já havia sido registrada, os números de imunização nunca tinham ficado tão baixos. Uma das causas desse baixo índice de imunização segundo as autoridades sanitárias do país e internacionais seria a grande circulação de *fake news* por meio das redes sociais e digitais.

Ainda de acordo com TEIXEIRA e SANTOS (2020, p. 74) “Boa parte dessas falsas notícias é produzida e despejada nas redes digitais pelos movimentos antivacinação, cuja atuação tem motivações políticas, ideológicas e religiosas, entre outras.”

Ainda afirmando TEIXEIRA e SANTOS (2020, p. 74) em sua maioria, as *fake news* se colocam contra o avanço científico e métodos de imunização:

Na maioria das vezes, as *fake news* que se colocam contra os métodos de imunização validam a percepção enganosa de parte da população de que a vacina é dispensável porque as doenças (aparentemente) desapareceram da face da Terra. E colocam o ser humano no centro da decisão pela adoção ou repulsa à vacinação, isentando o indivíduo da responsabilidade coletiva pela saúde do corpo social. Geralmente, tais notícias falsificadas desvalorizam o conhecimento científico e colocam à prova os avanços da atividade acadêmica em direção à preservação da vida. As informações falsas ganham ares de verdade na medida em que se alimentam (e causam o incentivo) da desconfiança da população na medicina convencional e nas instituições da saúde mantidas pelo Estado.

Apesar dos esforços da ciência para desmentir essa grande quantidade de informações falsas, ela não tem a capacidade de reduzir o poder que as *fake news* possuem de ir contra os programas de imunização pelo mundo. O Estado e a imprensa também não conseguem combater esse tipo de notícia. Mesmo com a eficácia das vacinas comprovadas, resultados contraditórios gerados pela ciência no decorrer dos anos, causam dúvidas na população com relação aos estudos feitos por ela.

O pesquisador Igor Sacramento, do Laboratório de Comunicação e Saúde, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), que estuda *fake news* sobre a área da saúde, relata em um editorial da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (Reciis), da Fiocruz que nossa sociedade passou de um regime de verdade, que é baseado em confiança nas instituições, para um regime baseado em crenças, na intimidade e na experiência pessoal.

“Na contemporaneidade, estamos passando de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para outro regulado pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal. Uma radicalização do ‘ver para crer’ – frase atribuída ao personagem bíblico Tomé que se tornou um ditado popular ao longo de muitos séculos – ancora nosso atual regime de verdade que estabelece algo como o ‘viver para crer’ e ainda um ter ‘vivido para ser crível!’” (SACRAMENTO, 2018, p. 5).

Sendo assim, a experiência tem o poder sobre a verdade e enfatiza o caráter testemunhal: eu vivi, eu sei.

“Produz na primeira pessoa (naquele que viu, viveu, sentiu) da experiência e da narrativa de um determinado acontecimento a origem da verdade ou um documento de que o narrado realmente existiu. A experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional, uma concretude de percepção” (SACRAMENTO, 2018, p. 5).

Sacramento (2018) afirma ainda que exemplos mostram que a generalização da crença e a obtenção da verdade se dá pela experiência pessoal e por dogmas compartilhados em determinados grupos, como é o caso dos terraplanistas, que é um movimento caracterizado pela

descrença na ciência e principalmente em crença regida pelo dogma, seja ele religioso, político ou estilo de vida.

A ideia de que as políticas e culturas populares estão cada vez mais baseadas na crença pessoal é reiterada nesse trecho.

As culturas populares e políticas de hoje são permeadas pela suspeita epistemológica, ou seja, a crença de que as alegações de verdade e conhecimento estão ligadas a interesses sociais e materiais particulares e, portanto, não devem ser acreditadas, ou pelo menos tomadas com ceticismo. (ZONEN, 2012, p. 56)

Com a expansão do movimento antivacina, principalmente nas redes sociais, surgiram informações falsas sobre as vacinas de combate ao coronavírus, e acabaram ganhando uma grande visibilidade. No decorrer da análise da seção Fato ou Fake do G1, foram encontradas notícias que diziam “corpos vacinados contra covid podem ser detectados ou conectados por bluetooth”, “vacinas contém ímãs e causam magnetismo” e até “a pessoa morreu após tomar a vacina”, esses são exemplos de *fake news* desmentidas na página.

3 ANÁLISE DAS *FAKE NEWS* SOBRE VACINAS DA SEÇÃO *FATO OU FAKE!* DO *GI*

Com o objetivo de analisar os conteúdos das fake news que circularam sobre a vacina do novo coronavírus nas redes sociais e foram selecionadas pela seção *Fato ou Fake!* do *GI* para serem desmentidas. Utilizamos o método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) para entender quais são os temas presentes e conteúdos. Para tanto, utilizamos a categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos (BARDIN, 1977, p.117).

Na investigação também faremos uso das reflexões de Bucci (2019), para caracterizar as *fake news* e sua estrutura.

As fake news, que agora agem contra a democracia em toda parte do planeta, não constituem uma espécie de mentira como as outras. Elas são uma nova modalidade de mentira, com distinções muito bem marcadas. (BUCCI, 2019, p. 41).

Utilizamos ainda a pesquisa bibliográfica abordando alguns eixos como: Fake News e Jornalismo, Comunicação e Desinformação. Conforme Martino (2018), a pesquisa bibliográfica “é feita a partir da leitura de livros, esses, dissertações e artigos, procurando organizar caminhos pelas autoras e autores”. (MARTINO, 2018, p.96).

Uma das vantagens da pesquisa bibliográfica, é que ela permite ao pesquisador um estudo mais amplo do que se poderia pesquisar diretamente. Para a autora Piana (2009, p.120), “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa”. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa”. Piana afirma também que: “além de permitir o levantamento das pesquisas referentes ao tema estudado, a pesquisa bibliográfica permite ainda o aprofundamento teórico que norteia a pesquisa”. Para isso, foram criadas oito categorias de análise das *fake news*, são elas: suspensão, morte, composição, fraude, eficácia, presença de chip, reações graves, outros.

3.1 ANÁLISE

O objeto da pesquisa, a seção *Fato ou Fake!*, teve início no dia 30 de julho de 2018 no site *GI*, um dos maiores portais de notícias do Brasil, e que tem como finalidade chamar a

atenção dos internautas a respeito de conteúdos duvidosos propagados na internet e desmentir tais informações.

De acordo com Souza e Resende (2021, p. 304), “o programa identifica notícias que circulam em redes sociais online e aplicativos de mensagens, como WhatsApp, e investiga a veracidade da informação”. No momento em que é identificada uma possível notícia falsa, o jornalista responsável inicia um procedimento de investigação para apurar a autenticidade da informação, verificando fontes, examinando o contexto e analisando imagens.

3.2 FATO OU FAKE

A apuração dos fatos é um dos princípios básicos do jornalismo, porém, com o elevado número de *fake news* propagado nos últimos anos, essa prática foi delegada também para agências de fact-checking – termo em inglês que significa ‘checagem dos fatos’ – criadas com o objetivo de alertar a população sobre informações falsas, utilizando de metodologias que auxiliam na verificação destas informações.

Diante da disseminação de informações falsas e o comportamento do público em relação ao que se produz, a tendência é de que os grandes veículos de comunicação, diante de suas redações cada vez mais enxutas, tenham que usar cada vez mais a mão-de-obra de agências de checagem para auxiliar nesse processo. (SPINELLI, SANTOS, 2018, p. 13)

A criação do Fato ou Fake, decorreu da percepção do Grupo Globo que havia a necessidade de existir um serviço próprio de checagem baseado em um modelo de uma agência especializada e formada por jornalistas de seus veículos próprios, mostrando a importância do fact-checking para o jornalismo atual. O *Fato ou Fake!* reúne profissionais de oito veículos do Grupo Globo (G1, O Globo, Extra, Época, Valor Econômico, CBN, GloboNews e TV Globo). As equipes de jornalistas são responsáveis por monitorar todos os dias, informações e mensagens que possuem cunho duvidoso e são compartilhadas nas redes sociais e aplicativos de mensagem.

Colocando essa preocupação no cenário da pandemia do novo coronavírus e o crescente aumento dos casos de *fake news* no Brasil, a seção *Fato ou Fake!*, do G1 abriu ao público uma seção focada somente na verificação e postagem de informações voltadas para a doença. O projeto traz a transparência de informações como principal critério de checagem, e para isso serão consideradas: a transparência de fontes, na qual será apresentado, com clareza, o caminho de apuração percorrido pelo jornalista. (SILVA, MEDEIROS E CORREO, 2020, p. 126).

Figura 1 – Projeto Fato ou Fake



Fonte: G1 – Fato ou Fake

Como o objetivo do projeto é trazer a clareza de informações como o seu principal critério de checagem, a transparência de fontes e o processo de apuração são sempre mostrados. Dessa maneira, as fontes consultadas, as pessoas ou as instituições são sempre identificadas no texto, além da transparência de metodologia, que deixa claro o processo de seleção e apuração de uma mensagem checada, a fim de mostrar o porquê de uma notícia ser considerada Fato ou Fake (DA SILVA, MEDEIROS E CERETTA, 2020). Ao longo do período analisado deste estudo foram identificadas 131 *fake news* examinados pelo projeto Fato ou Fake, sendo 59 relacionadas à vacina da Covid-19.

Figura 2 - Fato ou Fake Coronavírus



Fonte: G1 – Fato ou Fake

3.2.1 Jornalismo e *fake news*

O trabalho jornalístico se tornou cada vez mais árduo nesse contexto de desinformação, pois a quantidade de conteúdo que eles precisam analisar aumentou, assim como, a possibilidade de que esse conteúdo seja algum tipo de informação deturpada. Por esse motivo, a atividade de checagem de fatos se faz cada vez mais relevante no contexto de pandemia, já que essas informações influenciam na tomada de decisões das pessoas.

O jornalismo é responsável por retratar a realidade, e faz isso “pelo uso da técnica jornalística (construção da notícia, reconstrução do acontecimento, dramatização, leveza, pitoresco, fragmentação, identificação)” (SILVA, 2009, p. 15).

A produção de notícias é a principal tarefa do jornalista, selecionar, apurar, checar, redigir, editar e divulgar, aparenta ser apenas um processo técnico, no entanto isso vai além. A verificação de informações, entrevista com fontes, análise de documentos, alinhamento de linha editorial, exigem compromisso com a ética e a verdade (ALVES, 2019).

A seção Fato ou Fake do G1, pertencente ao Grupo Globo, se utiliza das técnicas jornalísticas para desmentir as informações falsas e se reafirmar como sendo a principal fonte de informação verdadeira em meio à sociedade. É possível afirmar que o jornalismo é uma tecnologia do imaginário (SILVA, 2012), por ter técnicas próprias para lidar com o real e assim, modular crenças, valores, desejos e pontos de vista, isto é, o imaginário. O jornalismo atua sobre a esfera simbólica, produzindo sensações.

A disseminação dessas informações falsas coloca em risco a credibilidade do jornalismo. “No cenário de pós-verdade, as *fake news* ganham espaço nas redes sociais, preocupam a grande mídia no Brasil e podem manchar ainda mais a reputação das instituições jornalísticas no país” (SPINELLI E SANTOS, 2018, p. 766).

Em nossa análise, foi possível perceber que a seção Fato ou Fake do G1 funciona como um reforço do comprometimento jornalístico com a verdade, além do consentimento dos jornalistas sobre a importância de apurar bem os fatos, ter exatidão nas informações e buscar a verdade, que são as notícias. Ao fazer o uso e entrevistar fontes oficiais para desmentir as *fake news* apresentadas no site, o G1 busca resgatar a credibilidade jornalística colocada em dúvida por conta da enorme circulação de informações falsas que as pessoas estão expostas, e acaba criando uma ilusão da verdade.

Para não colocar sua credibilidade em risco, o Fato ou Fake explica como checaram as informações verdadeiras, consultando sempre as fontes oficiais ou institucionais, apuração e contextualização de vídeos ou imagens usadas fora de contexto, pois o jornalismo pretende reconstituir o real, intervir e interpretar o cotidiano.

O jornalismo se detém no fato e tem a pretensão de dar conta da realidade fragmentada, complexa e acelerada. A técnica jornalística reconstitui o real e o simplifica, cria identificação, produz sensações e seduz o leitor. Como forma de conhecimento, a atividade interpreta o cotidiano, divulgando informações que nos norteiam (GOMES, 2016, p. 166).

Durante a análise foram encontradas no período de janeiro a junho de 2021 o total de 131 *fake news* sobre o coronavírus, sendo 59 relacionadas à vacina contra Covid-19. Nosso *corpus* é composto pelas 59 *fake news* que tratam sobre a vacina do coronavírus, para isso foram criadas oito categorias, sendo elas: Morte, Fraude, Suspensão, Eficácia, Reações graves, Composição, Presença de Chip e Outros. A tabela a seguir mostra a quantidade de *fake news* encontradas em cada uma delas.

Tabela 1 - Categorias de Análise – jan a abr. 2021

Categorias de Análise	Quantidade
Morte	15
Fraude	6
Suspensão	4
Eficácia	3

Reações Graves	6
Composição	3
Presença de Chip	2
Outros	20
Total	59

Fonte: Elaborado pela autora

Por meio da tabela acima, podemos perceber que a categoria *morte* teve um total de 15 *fake news*, *fraude* 6, *suspensão* 4, *eficácia* 3, *reações graves* 6, *composição* 3, *presença de chip* 2 e *outros* 20.

Fazendo uma análise quantitativa, percebemos que das categorias criadas, a de *morte* possui um destaque, ocupando o segundo lugar, com um total de 15 *fake news*, ficando atrás somente da categoria *outros*, com 20 *fake news*, no entanto essa categoria reúne títulos diversos. Em segundo terceiro lugar, em números, ficam as categorias de *fraude* e *reações graves*, com 6 *fake news* respectivamente. Em seguida vêm as categorias de *suspensão*, quarto lugar em números. Quinto lugar *eficácia* e *composição*, e por último *presença de chip*.

3.2.1.1 Morte

Nesta categoria foram verificadas *fake news* que afirmavam que pessoas morreram após tomar a vacina da covid. Por meio da análise quantitativa dessas *fake news*, percebemos que esta categoria se destaca, sendo uma das informações falsas mais disseminadas na internet, possuindo um total de 15 títulos afirmando ocorrer a morte de pessoas após serem vacinadas, no entanto, ao investigar essas mortes é descoberto que o motivo não é a vacina, mas em sua grande maioria, trata-se de problemas de saúde que o indivíduo já possui.

Quadro 1 - Morte

É #FAKE que enfermeira do Exército da Argentina morreu após tomar vacina russa contra a Covid-19
É #FAKE que agente do Samu morreu por reação à vacina contra Covid-19
É #FAKE que vídeo mostre reportagem sobre idosa morta após vacina contra a Covid-19

É #FAKE que idoso morreu em decorrência de vacina contra Covid-19 em Guaratinguetá
É #FAKE que morte de médico após primeira dose da vacina revele ineficácia da Coronavac
#FAKE que vídeo mostre jovem morrendo ao tomar vacina em Israel
É #FAKE mensagem que fala em mais de 20 óbitos em 24h por reações a vacinas registrados pela Anvisa
É #FAKE vídeo em que mulher diz que mais de 500 pessoas morreram após tomar vacina contra a Covid-19 no país
É #FAKE que taxa de mortalidade aumentou em Israel após aplicação da vacina da Pfizer contra a Covid-19
É #FAKE que quase toda a população de Serrana já foi imunizada e ainda assim mortes por Covid-19 explodiram na cidade
É #FAKE que imagens mostrem pessoas caindo nas ruas após tomarem vacina na Índia
É #FAKE que bebê de 2 anos morreu após receber vacina da Pfizer durante teste
É #FAKE que Nobel de Medicina disse que todos que tomarem vacina contra Covid morrerão em dois anos
É #FAKE que William Shakespeare, primeiro vacinado contra a Covid no Reino Unido, morreu por causa da vacina
É #FAKE que estudo concluiu que mortalidade pela variante Delta entre vacinados é seis vezes maior do que entre os não vacinados

Fonte: Elaborado pela autora

Essas fake news tentam passar verdade

3.2.1.2 Fraude

Essa categoria é caracterizada pelas *fake news* que afirmam que a imunização de pessoas se trata de uma encenação, ou seja, a vacinação não ocorre, caracterizadas principalmente por trazer imagens e informações deturpadas sobre o momento da imunização. Como a que reúne simulações de fotos, imagens editadas e até ângulos falsos para alegar que a vacinação é uma farsa. Foram encontradas 6 *fake news* com o tema, algumas dizem que as seringas não possuem agulhas, e até que ao ser vacinado as agulhas dobram, a fim de afirmar que a vacinação não ocorreu.

Quadro 2 - Fraude

É #FAKE que vídeo mostre Kamala Harris fingindo tomar vacina contra Covid-19
É #FAKE que foto mostre Cristina Kirchner tomando vacina da Covid-19 sem máscara
É #FAKE que imagens mostrem vacinas sendo aplicadas sem agulha e que revelem encenação
É #FAKE que enfermeira, 1ª a ser vacinada no Brasil, já tinha tomado doses da CoronaVac e que imunização foi encenada
É #FAKE que vídeo mostre seringa de vacina em Schwarzenegger com a tampa fechada no momento da aplicação
É #FAKE que vídeo prove que Anthony Hopkins não recebeu vacina contra a Covid-19

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.3 Suspensão

Na seguinte categoria, foram inseridas as *fake news* que ordenavam a suspensão imediata da vacinação mundial ou no Brasil, foram encontradas 4 *fake news* relacionadas ao tema, alegando que as vacinas não seriam eficazes contra o vírus e até que a vacinação violaria códigos judiciais.

Quadro 3 - Suspensão

É #FAKE mensagem que diz que Suprema Corte dos EUA anulou vacinação universal
É #FAKE que Israel fez pedido para interromper vacinação contra Covid-19 no mundo e que ele foi aceito por tribunal internacional
É #FAKE que MPF em Uberlândia fez pedido para que vacinação contra Covid seja interrompida em todo o país
É #FAKE que relatório oficial britânico pede que vacinação contra Covid seja suspensa urgentemente

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.4 Eficácia

Nesta categoria, estão inseridas as *fake news* que questionam e negam a eficácia da vacina para a pandemia. Quanto a análise quantitativa, foram encontradas 3 *fake news* relacionadas ao tema, uma delas afirma que ao tomar a vacina a imunidade baixa e a pessoa corre um risco maior de contrair a doença.

Quadro 4 - Eficácia

É #FAKE cálculo que diz que índice de eficácia da Coronavac é inferior a 50%
É #FAKE que vacina contra Covid-19 é inócua porque ainda é preciso manter distanciamento social e máscara
É #FAKE que pessoa fica com imunidade mais baixa após tomar vacina e tem risco aumentado de contrair Covid-19

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.5 Reações Graves

Esta categoria contém as *fake news* que abordam efeitos e reações que a vacina causaria no corpo dos vacinados, por exemplo uma pessoa pode adquirir algum tipo de doença grave, como, o câncer de mama, além de causar convulsões e até má formação em fetos. Foram encontradas 6 *fake news* sobre o tema. Como o vídeo que afirma que uma mulher teve convulsões após a vacina, no entanto a mulher mostrada no vídeo não teria tomado a vacina.

Quadro 5 - Reações Graves

É #FAKE que foto mostre enfermeiras de Paraty com reações graves após vacina contra Covid-19
É #FAKE que vídeo mostre mulher com convulsão na Argentina logo após tomar vacina contra a Covid-19
É #FAKE que Pfizer fez alerta de que vacina contra Covid-19 causa má-formação em fetos
É #FAKE que vacina contra a Covid-19 provoca câncer de mama
É #FAKE que Christian Eriksen tomou vacina da Pfizer semanas antes de mal súbito em jogo da Eurocopa
É #FAKE que corpos de vacinados contra Covid podem ser detectados ou conectados por bluetooth

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.6 Composição

Nesta categoria estão inseridas as *fake news* que questionam a composição da vacina, colocando uma dúvida na população sobre os componentes presentes na vacina, algumas afirmam que a vacina contém elementos tóxicos e até ímãs, alegando que a vacina causa magnetismo no corpo dos indivíduos já vacinados. Foram encontradas 3 fake news sobre essa temática.

Quadro 6 - Composição

É #FAKE vídeo que diz que contrato entre Butantan e Sinovac esconde da Anvisa dados sobre a composição da vacina
É #FAKE que vacinas contenham ímãs e causem magnetismo
É #FAKE que proteína spike contida nas vacinas é tóxica e patogênica

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.7 Presença de Chips

As *fake news* contidas nesta categoria declaram que as vacinas contra a covid possuem em sua composição algum tipo de chip em forma líquida com codificação de leitura de inteligência artificial para controle populacional ou para diminuir as reações causadas após a vacinação. Quanto a análise quantitativa, foram encontradas 2 *fake news* relacionadas a este tema.

Quadro 7 - Presença de Chip

É #FAKE que vacina contra Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional
É #FAKE que vacina da Pfizer terá chip da Microsoft para prevenir efeitos colaterais

Fonte: Elaborado pela autora

3.2.1.8 Outros

Nesta categoria estão inseridas as *fake news* que são relacionadas à vacina, mas não estão inseridas nas categorias acima, como as que asseguram que as vacinas podem infectar células e transmitir material genético, ou que as doses de vacina aplicadas na população estão prestes a vencer e até que a vacina foi elaborada antes da pandemia acontecer. Nesta categoria foram inseridas 21 *fake news* sobre a vacina.

Quadro 8 - Outros

É #FAKE que governo irlandês colocou placa luminosa contra máscaras e vacinas em pedágio
É #FAKE que governo de SP negou vacinas a Bauru e que prefeita só obteve doses após reunião com Bolsonaro
É #FAKE mensagem que circula em Guarulhos convocando cadastro em UBS para receber vacina
É #FAKE que Anvisa fez post anunciando link de cadastro para vacina contra Covid-19
É #FAKE mensagem que diz que vacinas mantidas a -80°C são agentes para infectar células e transferir material genético
É #FAKE que vídeo mostre crianças fugindo de vacinação forçada na África
É #FAKE que Fiocruz tem fabricado vacina brasileira com ajuda de Israel em sigilo
É #FAKE que critério mudou e que doses da vacina contra a Covid-19 são enviadas aos municípios de SP de acordo com os cadastros do site Vacina Já
É #FAKE que STF autorizou abertura de 'campos de concentração' para pessoas que recusam vacinação contra Covid-19
É #FAKE mensagem atribuída à Secretaria da Saúde de SP com formulário de controle e boleto para vacinação contra Covid-19
É #FAKE que governo do Ceará não enviou ninguém para receber carga de vacinas contra Covid em aeroporto
É #FAKE que Doria evitou Coronavac e foi flagrado na fila da vacina da Pfizer
É #FAKE cartaz que anuncia vacinação prioritária de homossexuais contra a Covid-19
É #FAKE que Hebraica tem excesso de vacinas contra a Covid-19 e que doses estão prestes a vencer
É #FAKE que vacinação em massa cria variantes do vírus e agrava a pandemia
É #FAKE que virologista do Einstein fez áudio criticando vacina contra Covid-19

É #FAKE e-mail atribuído ao governo de SP que promete sorteio para vacinação contra a Covid
É #FAKE que fabricantes de vacina têm protocolo que preconiza aplicação no braço direito
É #FAKE que imunizados com vacina mRNA não poderão viajar de avião
É #FAKE que acordo de confidencialidade prova que Moderna elaborou vacina contra a Covid-19 antes da pandemia

Fonte: Elaborado pela autora

Para passar uma ideia de verdade, essas *fake news* utilizam dados reais, mas que são utilizados em um outro contexto, pessoas que parecem ser algum especialista na área da saúde, imagens e vídeos fora do contexto real, textos criados e divulgados em redes sociais, no entanto nenhuma dessas informações tem uma base verdadeira. Para desmentir essas *fakes news*, o Fato ou Fake faz uso das técnicas jornalísticas, ou seja, se utiliza de fontes (sejam elas institucionais, especialistas ou pesquisa científica) e apuração, buscando sempre retratar a realidade, seja por meio de entrevistas ou pesquisa. Para demonstrar como essas *fake news* são desmentidas iremos usar três delas como exemplo.

A primeira afirma que um vídeo mostre uma mulher tendo convulsões na porta de um hospital na Argentina, logo após tomar a vacina contra Covid-19. As imagens circulavam pelas redes sociais com uma legenda que dizia: “Mulher na Argentina tomou a vacina contra covid e teve essa reação, que temos cansado de ver em diversos outros casos ao redor do mundo”, no entanto foi descoberto se tratar de uma informação falsa. O G1 entrevistou a diretora do hospital em que o vídeo foi feito, ela afirmou que não havia nenhum registro de que a mulher que aparecia nas imagens tivesse recebido a vacina contra a covid e que os sintomas não tinham nenhuma relação com o imunizante. Foi descoberto também que a jovem já possuía um histórico de atraso maturacional e transtorno de conduta, fazendo com que ela fosse internada na ala de psiquiatria do hospital. Durante a internação a paciente foi avaliada pelos serviços de clínica médica, neurologia e saúde mental, tendo sua medicação ajustada, ou seja, foi descoberto que não havia nenhum tipo de relação entre os acontecimentos e a vacina contra o coronavírus.

Outra teoria sobre a vacina que ganhou bastante repercussão foi a de que havia algum tipo de chip na composição da vacina, um dos exemplos citados acima é o de que a vacina contra Covid-19 teria um chip líquido e inteligência artificial para controle populacional. Essa informação circulou principalmente por redes sociais de mensagens em forma de áudio ou vídeo, e afirmavam que a inteligência artificial presente no chip permitiria controlar os

vacinados, a mensagem dizia: "O plasma dessa vacina, que é o líquido, vem com uma codificação que traz uma leitura para inteligência artificial, então eles têm o nosso controle através disso. É como se fosse um chip, mas de forma líquida, que é o plasma". Para desmentir a informação, o G1 mostrou a mensagem a especialistas das áreas de biomedicina, inteligência artificial e de microeletrônica, que refutaram a tese que a embasava com argumentos técnicos.

Os especialistas responsáveis pela produção de chips afirmaram que mesmo com o desenvolvimento da tecnologia atualmente não existe nenhum tipo de "chip líquido", ou que seja solúvel em plasma ou sangue, muito menos que estes chips possam ser escondidos em vacinas, os especialistas afirmam também que, já que não existe chip líquido, tampouco há alguma chance de que ele fique no corpo por muito tempo, mostrando que não há nenhuma possibilidade de que essa teoria sobre a vacina fosse verdadeira.

Outra *fake news* desmentida foi de um texto que circulou pelas redes sociais e fala que ocorreram mais de 20 óbitos em 24h por reações a vacinas contra o coronavírus registrados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Quando foi procurada pelo G1, a Anvisa afirmou que a informação não era verdadeira e que já havia feito uma nota sobre a distorção de dados que o texto apresentava. A nota oficial da Anvisa dizia que "os dados públicos de notificações do uso de vacinas para Covid-19 não indicam qualquer relação das vacinas com eventos adversos graves ou óbitos no país" e que o uso desses dados de forma descontextualizada ou sem nenhum tipo de interpretação técnica necessária poderia levar a conclusões falsas.

A nota também dizia que não havia nenhum caso de óbito conhecido que houvesse relação estabelecida com uso de vacinas para Covid-19 autorizadas no Brasil. Foi colocada também a fala de um professor de Epidemiologia que afirmou que as pessoas que estavam sendo vacinadas pertenciam ao maior grupo de risco, pois eram os idosos, e dados mostram que no Brasil morrem mais de mil idosos com mais de 80 anos por dia, além das mais de mil pessoas que morrem por outras causas. O professor afirma que a vacina não elimina a mortalidade por todas as causas, e que as características das vacinas que estão disponíveis no Brasil não causam óbito.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou uma análise das *fake news* sobre a vacina da Covid-19 na seção Fato ou Fake do portal G1, a fim de entender como a disseminação dessas informações falsas podem afetar na adesão da vacinação pela população, além de pôr em dúvida a credibilidade jornalística. A pesquisa busca expor a importância do jornalismo no cenário atual da pós-verdade, em que são consideradas as experiências pessoais e não a ciência.

São apresentados os impactos causados pela pandemia da covid no Brasil e como isso afetou de forma direta as classes sociais mais desfavorecidas, evidenciando a necropolítica presente no nosso país, afetando principalmente a população negra e pobre da sociedade. Além disso, temos o papel do jornalismo como tecnologia do imaginário, sendo o principal responsável por tornar a morte cada vez mais visível no contexto de pandemia. O cenário da pandemia expõe as desigualdades sociais do país, além de evidenciar o papel do Estado perante a sociedade, deixando claro o poder de morte e instrumentalização dos corpos que ele possui.

Com a facilidade do acesso à informação, se tornou mais fácil a produção de *fake news*, o grande volume de informações que recebemos todos os dias chamamos de infodemia, que gerou uma grande influência na decisão da população sobre tomar ou não a vacina. A descrença na ciência e a obtenção da verdade se dá por experiências pessoais e por crenças compartilhadas regidas por um dogma religioso, político ou de estilo de vida.

A pesquisa buscou entender o que as *fake news* sobre a vacina da covid-19 abordavam, e foi possível perceber que a intenção dessas informações falsas era justamente colocar em dúvida a eficácia e os benefícios causados pela vacinação no país, e nesse cenário de desinformação entra o papel do jornalismo, exercendo a função de investigador que apura a veracidade dos fatos, buscando se afirmar como uma agência de checagem.

Notamos que as *fake news* com a temática de mortalidade das pessoas por conta das vacinas tiveram maior incidência, o que nos leva a acreditar que esse tipo de *fake news* podem alcançar um maior número de pessoas. A categoria 'Outros' apresentou uma abordagem mista, trazendo governos nacionais e internacionais, bem como empresas fabricantes de vacinas, como principais alvos dessas informações falsas.

Percebe-se, também, que imagens e vídeos, desprovidos ou fora de contexto, foram fatores cruciais para a formação de opinião de muitos internautas induzidos a erro, dando uma falsa sensação que esse tipo de informação é verdadeira, pois utiliza dos recursos de imagem para comprovar o que é afirmado por elas. Percebeu-se também, que uma das principais especulações sobre a vacina, são os efeitos colaterais causados por ela, como doenças graves,

convulsões e má formação em bebês, causando uma maior aversão da população em relação a vacina. Trata-se de uma pesquisa que pode direcionar para outros temas a serem explorados, como a recusa às informações científicas em detrimento das vivências pessoais (experiências pessoais, dos amigos e familiar), como a pandemia pode expor ainda mais as desigualdades sociais (classe social, desenvolvimento social, econômico e político) e pesquisas que possam aliar o jornalismo e a pandemia. Como vimos, o jornalismo possui uma função importante dentro desse contexto.

5 REFERÊNCIAS

ALVES, Rosana Alves, Jornalistas em formação e o compromisso ético com a verdade diante do fenômeno das fake news. *Revista Comunicação, Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 100–113, 2019. DOI: 10.30681/rccs.v9i1.3828. Disponível em: <https://periodicos2.unemat.br/index.php/ccs/article/view/3828> Acesso em: 19 jan. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O fenômeno da pós verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação**. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 25, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673> Acesso em: 03 de maio 2021.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 25, suppl 1 [Acessado 23 novembro 2021], pp. 2423-2446. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020> ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.

BARDIN, Laurence (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BOTELHO, Patrick Bragança. Você sabe o que é infodemia?. *In: Politize!*. [S.I.] 19 out. 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/infodemia/> Acesso em: 04 jan 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria N° 188, DE 3 DE FEVEREIRO DE 2020**. Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388> Acesso em: 18 nov. 2021.

BUCCI, Eugenio. Existe democracia sem verdade factual? São Paulo: Estação das Letras de Cores, 2019a. **News não são fake – e fake news não são news**. Em: *Pós-verdade e fake News. Reflexões sobre a guerra das narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó Ed., p. 37- 48. 2019b.

CAMBRIDGE Dictionary. Fake news. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fake-news> Acesso em: 05 nov. 2021.

CAPUCHO, Joana. Fact Check: Há uma grande epidemia no ano 20 de cada século? *In: OBSERVADOR*. [S.I.] 06 fev. 2020. Disponível em: <https://observador.pt/factchecks/fact-check-ha-uma-grande-epidemia-no-ano-20-de-cada-seculo/> Acesso em: 19 nov. 2021.

Cientistas sociais e o Coronavírus [recurso eletrônico] / Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (organizadores). – 1. ed. – São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

COMO surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre a origem. *In: INSTITUTO Butantan*. [S.I.] 14 jun. 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem> Acesso em: 18 nov. 2021.

D'ANCONA, Mathew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DA SILVA, Eliane Alves; DA SILVA, Marcelo Martins. O Brasil frente à pandemia de COVID-19: da bio à necropolítica. *CONFLUÊNCIAS--Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 22, n. 2, 2020, p. 361-383. ISSN: 1678-7145. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/43040/25359> Acesso em: 14 nov 2021.

DA SILVA, M., MEDEIROS, F., & CERETTA, K. (2020). Covid-19 e fake news: análise das notícias verificadas no site “Fato ou Fake”. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 1(145), 119-136. doi: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v1i145.4312>

FERRARI, Mariana. O que é necropolítica. E como se aplica à segurança pública no Brasil. Ponte. 25 set. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-e-necropolitica-e-como-se-aplica-a-seguranca-publica-no-brasil/> Acesso em: 26 nov. 2021.

FIGUEIREDO, Alexandre. *et al.* Mapping global trends in vaccine confidence and investigating barriers to vaccine uptake: a large-scale retrospective temporal modelling study. *In: The Lancet*. [S.I.] 26 set 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31558-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31558-0/fulltext) Acesso em: 18 out 2021.

FIOCRUZ. Boletim faz balanço da pandemia no Brasil em 2020. Agência Fiocruz de Notícias. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/boletim-faz-balanco-da-pandemia-no-brasil-em-2020> Acesso em: 24 nov. 2021.

G1, G1 lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos, Rio de Janeiro, 30 de julho 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml> Acesso em: 03 de maio de 2021.

GLOSSÁRIO. Necropolítica. Educação e Território, 18 dez. 2020. Disponível em: https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/necropolitica/?gclid=EAIaIqObChMIgsersuye7wIVjYORCh2TFwx5EAAYASAAEgJ6EPD_BwE Acesso em: 3 dez. 2021.

GOMES, Denise Cristina Ayres; RIBEIRO, Renata Rezende. Memória e imaginário da Covid-19 no Jornal Nacional: o hospital no cotidiano midiaticado. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 103–119, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/34587> Acesso em: 06 jan. 2022.

GOMES, Denise Cristina Ayres. Tecnologia do imaginário: o jornalismo como promotor das doenças mentais. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6740> Acesso em: 05 jan. 2022.

GOVERNO DO BRASIL. Brasil confirma primeiro caso do novo coronavírus. *In: Site oficial do governo brasileiro*. 26 fev 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo->

[coronavirus#:~:text=O%20Brasil%20confirmou%2C%20nesta%20quarta,para%20It%C3%A1lia%2C%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia](#) Acesso em: 18 nov. 2021.

HENRIQUES, Cláudio Maierovitch Pessanha. **A dupla epidemia:** febre amarela e desinformação. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 12, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513> Acesso em: 03 de nov. 2021.

IGNACIO, Julia. Necropolítica: o que esse termo significa?. *In: Politize!*. [S.I.] 30 jul 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/> Acesso em: 03 dez 2021.

MARINHO, Fátima; TEIXEIRA, Renato; MACHADO, Hannah Arcuschin; LIMA, Márcia; VENTURINI, Anna Carolina; SOUSA, Caio Jardim; BERTOLOZZI, Thayla Bicalho. Disparidades raciais no excesso de mortalidade em tempos de Covid-19 em São Paulo. *Informativo Desigualdades Raciais e Covid19*, AFRO-CEBRAP, São Paulo, n. 8, mar. 2021. Disponível em: https://cebrap.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Informativo-8-Disparidades-raciais-no-excesso-de-mortalidade-em-tempos-de-Covid-19-em-Sa%CC%83o-Paulo_final.pdf Acesso em: 12 de jan. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em Comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2018.

MAFFESOLI, Michel. É na galáxia do imaginário que desenvolvemos a convivência. (Prefácio). *In: GUTFREIND, Cristiane Freitas; SILVA, Juremir Machado da; JORON, Philippe. (orgs.). Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia.* Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 7-9.

MBEMBE, Achille. *Necropolitics*. *Public Culture*, 15, 2003, p. 11-40.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.* Artes e Ensaios UFRJ, 2016.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.* São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MEDEIROS, P. M e LÔRDELO, T. S. *Novas Mídias: Lugar de opinião? Lugar de Informação? Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 9 Nº 1.* Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p34> Acesso em: 10 set 2021.

MESCHI, Meloria; KANABAR, Ravi; Eastwood. The Real-World Effects of ‘Fake News’. FTI Consulting. 11 jun. 2020. Disponível em: <https://www.fticonsulting.com/insights/articles/covid-19-real-world-effects-fake-news> Acesso em: 04 nov. 2021.

MILANI, Lucia. R. N.; BUSATO, Ivana. M. S. Causas e consequências da redução da cobertura vacinal no Brasil. **Revista de Saúde Pública do Paraná**, v. 4, n. 2, p. 157-171, 18 ago. 2021. Disponível em: <http://revista.escoladesaude.pr.gov.br/index.php/rspp/article/view/480> Acesso em: 28 dez. 2021.

MÜLLER, F. de M., & de SOUZA, M. V. (2018). FAKE NEWS: UM PROBLEMA MIDIÁTICO MULTIFACETADO. Anais Do Congresso Internacional De Conhecimento E Inovação – Ciki, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/511> Acesso em: 10 set. 2020.

NEVES, Dario de Oliveira; GOMES, Suely Henrique de Aquino. GOVERNAMENTALIDADE, BIOPOLÍTICA E NECROPOLÍTICA: A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL. Revista Panorama - Revista de Comunicação Social, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 53-58, set. 2021. ISSN 2237-1087. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/9046> Acesso em: 12 jan. 2022.

O BRASIL está sofrendo uma infodemia de Covid-19. *In*: AVAAZ. [S.I.] 4 maio 2020. Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/ Acesso em: 08 nov 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Casos de sarampo chegam a número recorde na Região da Europa. 20 ago. 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-8-2018-casos-sarampo-chegam-numero-recorde-na-regiao-da-europa>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19. [S.I.] 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16 Acesso em: 04 jan 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. Brasília: OPAS, [2020]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 17 nov. 2021

OXFORD Languages. Word of the Year 2016. **Oxford University Press**. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/> Acesso em: 05 nov. 2021.

PICHEL, Mar. Como o Chile se tornou o 7º país com a maior taxa de vacinação contra covid-19 do mundo. *In*: CORREIO Braziliense. [S.I.] 21 fev. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/ciencia-e-saude/2021/02/4907847-como-o-chile-se-tornou-o-7-pais-com-a-maior-taxa-de-vacinacao-contra-covid-19-do-mundo.html> Acesso em: 25 nov. 2021.

PRIMEIRO caso de covid-19 no mundo completa dois anos. *In*: EXAME. [S.I.] 17 nov. 2021. Disponível em: <https://exame.com/ciencia/primeiro-caso-de-covid-19-no-mundo-completa-dois-anos/> Acesso em: 18 nov. 2021.

RESENDE, L. de; SOUZA, J. L. de A. A propagação de desinformação em tempos de coronavírus: considerações em torno do programa “Fato ou Fake”. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 296-310, 2021. DOI: 10.11606/issn.2176-1507.v23i1p296-310. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/174592> Acesso em: 13 jan. 2022.

RODRIGUES, Leticia. Conheça as 5 maiores pandemias da história. *In: GALILEU*. [S.I.] 16 set. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html> Acesso em: 19 nov. 2021.

ROTHKOPF, David J. When the Buzz Bites Back. *In: The Washington Post*. [S.I.] 11 maio 2003. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/05/11/when-the-buzz-bites-back/bc8cd84f-cab6-4648-bf58-0277261af6cd/> Acesso em: 06 jan 2022.

SACRAMENTO, Igor. A saúde numa sociedade de verdades. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v.12, n.1, p. 4-8, 2018. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201#> Acesso em: 03 jan. 2022.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. Varíola. *In: BRASIL Escola*. [S.I., 2016?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/variola.htm> Acesso em: 19 nov. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 3a Edição, Sulina, 2020

SILVA, Juremir Machado. A questão da técnica jornalística: cultura e imaginário *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, núm. 39, agosto, 2009, pp. 13-18. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

SIQUEIRA Fabiana; MONTEIRO, Patrícia. *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

SPINELLI, E. M.; Santos, J. (2018) *Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news*. *Revista Observatório*, v. 4, n. 3, p. 759-782.

TEIXEIRA, Adriana; SANTOS, Rogério da Costa. Fake news colocam a vida em risco: a polêmica da campanha de vacinação contra a febre amarela no Brasil. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*. v. 14, n.1 p. 72-89, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1979> Acesso em: 28 dez. 2021.

ZOONEN, Liesbet van. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. *European Journal of Communication*. v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.